



### **TRANSVERSALIDADES ATLÂNTICAS:**

Saberes ancestrais africanos como tecnologias de emancipação

### **ATLANTIC TRANSVERSALITIES:**

African ancestral knowledge as technologies of emancipation

### **TRANSVERSALIDADES ATLÂNTICAS:**

Los saberes ancestrales africanos como tecnologías de emancipación

### **TRANSVERSALITÉS ATLANTIQUE:**

Les savoirs ancestraux africains comme technologies d'émancipation

#### **Paulo César Fernandes**

Declarado Mestre de saberes tradicionais dos povos Bantu pela Universidade Federal do Espírito Santo; Espaço Cultural Afro-Bantu  
Espírito Santo, Brasil

[ecab.bantus@gmail.com](mailto:ecab.bantus@gmail.com) / [ciaenki@gmail.com](mailto:ciaenki@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0003-0846-7345>

#### **Jhonny Mattos**

Graduando em Defesa e Gestão Estratégica Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Espaço Cultural Afro-Bantu  
Rio de Janeiro, Brasil

[jhonnymattoss@gmail.com](mailto:jhonnymattoss@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0003-2876-1867>

Recebido em: 02/04/2023

Aceito para publicação: 17/07/2024

#### **Resumo**

A referida proposta do artigo aborda uma análise reflexiva do projeto “Transversalidades Atlânticas: Saberes ancestrais africanos como tecnologias de emancipação”, tendo como referência a atlanticidade, que são saberes milenares primais detidos em uma das civilizações mais antigas da humanidade, os Bantus, existentes há mais de 5500 anos, e que foram trazidos ao Brasil no contexto do tráfico negreiro que cruzou o Oceano Atlântico. Portanto, considera-se que existe uma diversidade de tecnologias de emancipação que ultrapassam o conhecimento tradicional ocidental, pois essa potência primordial é transtemporal, uma vez que ela pode ser comparada com conceitos da ciência moderna em diversas questões. Nesse sentido, alicerçado nesta investigação de sua ancestralidade, o artista Paulo Fernandes traz uma relevante contribuição no que se refere às relações identitárias, reconhecendo a cultura Bantu como uma das maiores contribuições para a reflexão da corporalidade afro e brasileira. A metodologia tem sua abrangência na aplicabilidade da lei 10.639/2003 e as relações abrangentes sobre a identidade cultural afro e brasileira, bem como a reconstrução de valores sociais, etnológicos, linguísticos e



tecnológicos que nos inserem em outra percepção humana, contrapondo o processo das armadilhas raciais responsáveis por nos retraindo enquanto seres humanos perante a colonização da hegemonia eurocêntrica. Para tal, a proposta do projeto é uma iniciativa que resultou na amplificação da temática das africanidades, recriando uma nova paisagem que revisita o passado e nos torna guardiões de uma herança fértil, capaz de semear futuras gerações, como uma semente de baobá que já nasce com suas potências.

**Palavras-chave:** Saberes primais; tecnologias; atlanticidade; ancestralidade; cultura Bantu; identidade.

#### Abstract

The referred proposal of the article addresses a reflective analysis of the project “Atlantic Transversalities: African ancestral knowledge as technologies of emancipation”, having as reference the atlanticity, which is primal millenary knowledge held in one of the oldest civilizations of humanity, the Bantus, existing for over 5500 years old, and which were brought to Brazil in the context of the slave trade that crossed the Atlantic Ocean. Therefore, it is considered that there is a diversity of emancipation technologies that goes beyond traditional western knowledge, as this primordial power is transtemporal, since it can be compared with concepts of modern science in several issues. In this sense, based on this investigation of his ancestry, the artist Paulo Fernandes makes a relevant contribution with regard to identity relations, recognizing the Bantu culture as one of the greatest contributions to the reflection of afro and brazilian corporeality. The methodology has its scope in the applicability of Law 10.639/2003 and the comprehensive relations about the afro and brazilian cultural identity, as well as the reconstruction of social, ethnological, linguistic and technological values that insert us into another human perception, opposing the process of the racial traps that is responsible for retracting us as human beings in the face of the colonization of Eurocentric hegemony. To this end, the project proposal is an initiative that resulted in the amplification of the theme of Africanities, recreating a new landscape that revisits the past and makes us guardians of a fertile heritage, capable of sowing future generations, like a baobab seed that is already born with its potency.

#### Resumen

La referida propuesta del artículo aborda un análisis reflexivo del proyecto “Transversalidades Atlánticas: Saberes ancestrales africanos como tecnologías de emancipación”, teniendo como referencia la atlanticidad, que son conocimientos milenarios primarios mantenidos en una de las civilizaciones más antiguas de la humanidad, los Bantúes, existentes desde hace más de 5500 años, y que fueron traídos a Brasil en el contexto de la trata de esclavos que atravesaba el Océano Atlántico. Por lo tanto, se considera que existe una diversidad de tecnologías de emancipación que va más allá del conocimiento occidental tradicional, ya que este poder primordial es transtemporal, ya que puede compararse con conceptos de la ciencia moderna en varios aspectos. En ese sentido, a partir de esta investigación sobre su ascendencia, el artista Paulo Fernandes realiza un aporte relevante en lo que se refiere a las relaciones identitarias, reconociendo a la cultura Bantú como uno de los mayores aportes para la reflexión de la corporeidad afro y brasileña. La metodología tiene su alcance en la aplicabilidad de la Ley 10.639/2003 y las relaciones integrales sobre la identidad cultural afro y brasileña, así como la reconstrucción de valores sociales, etnológicos, lingüísticos y tecnológicos que nos insertan en otra percepción humana, oponiéndose al proceso de las trampas raciales que se encarga de retraernos como seres humanos frente a la colonización de la hegemonía eurocéntrica. En tal sentido, la propuesta del proyecto es una iniciativa que resultó en la ampliación del tema de las africanidades, recreando un nuevo paisaje que revisita el pasado y nos convierte en guardianes de un patrimonio





---

fértil, capaz de sembrar futuras generaciones, como una semilla de baobab que se ya nace con su potencia.

### Résumé

La proposition d'article référencée porte sur une analyse réflexive du projet « Transversalités atlantiques: les savoirs ancestraux africains comme technologies d'émancipation », ayant comme référence l'atlantitude, qui est un savoir millénaire primordial détenu dans l'une des plus anciennes civilisations de l'humanité, les Bantous, existant depuis plus de 5500 ans, et qui ont été amenés au Brésil dans le cadre de la traite des esclaves qui a traversé l'océan Atlantique. Par conséquent, on considère qu'il existe une diversité de technologies d'émancipation qui vont au-delà des savoirs traditionnels occidentaux, car ce pouvoir primordial est transtemporel, puisqu'il peut être comparé aux concepts de la science moderne dans plusieurs domaines. En ce sens, sur la base de cette enquête sur ses ancêtres, l'artiste Paulo Fernandes apporte une contribution pertinente en ce qui concerne les relations identitaires, reconnaissant la culture Bantoue comme l'une des plus grandes contributions à la réflexion de la corporéité afro et brésilienne. La méthodologie a sa portée dans l'applicabilité de la loi 10.639/2003 et les relations globales sur l'identité culturelle afro et brésilienne, ainsi que la reconstruction des valeurs sociales, ethnologiques, linguistiques et technologiques qui nous insèrent dans une autre perception humaine, s'opposant le processus de pièges des facteurs raciaux chargés de nous rétracter en tant qu'êtres humains face à la colonisation de l'hégémonie eurocentrique. À cette fin, la proposition de projet est une initiative qui a abouti à l'amplification du thème des africanités, recréant un nouveau paysage qui revisite le passé et fait de nous les gardiens d'un patrimoine fertile, capable de semer les générations futures, comme une graine de baobab qui est déjà née avec leurs pouvoirs.

“A Arte é animada por forças invisíveis que governam o Universo”  
Leopold Sedar Senghor

### Introdução

A referida proposta do artigo aborda uma análise reflexiva do projeto “Transversalidades Atlânticas: Saberes ancestrais africanos como tecnologias de emancipação”, tendo como referência a atlantidade, que são saberes milenares primários detidos em uma das civilizações mais antigas da humanidade, os Bantus, existentes há mais de 5500 anos, e que foram trazidos ao Brasil no contexto do tráfico negreiro que cruzou o Oceano Atlântico. Portanto, considera-se que existe uma diversidade de tecnologias de emancipação que ultrapassam o conhecimento tradicional ocidental, pois essa potência primordial é transtemporal, uma vez que ela pode ser comparada com conceitos da ciência moderna.

A concepção da proposta do projeto surge da perspectiva de imersão investigativa na ancestralidade, considerando o corpo humano como uma projeção no espaço, onde se

constata as primeiras noções de unidades de medidas, havendo, por exemplo, o dedo indicador que, repetido três vezes, forma o comprimento da cabeça e a cabeça, repetida sete vezes, forma a altura do corpo. Concomitante a essa percepção, temos o desenvolvimento de unidades de medidas baseadas no corpo humano, como os termos: polegada, palmo, pés, côvado, braça, jarda e metro - anthropos. Do mesmo modo, as proporções áureas e harmônicas (Pi) estão inseridas nos estudos da geometria sagrada (PENNICK, 1980). Ainda, nesse contexto, pode-se citar a complexa construção matemática e arquitetônica das três Pirâmides de Gizé, do Egito Antigo, sendo a Grande Pirâmide reconhecida como uma das sete maravilhas do mundo. Este grandioso monumento foi construído aproximadamente em 2500 a.C., levando cerca de 30 anos para ser construído. Inclusive, certos estudos referentes à construção das três Pirâmides de Gizé, apontam que estes monumentos foram construídos alinhados com a constelação de Orion, corroborado na pesquisa de Robert G. Bauval (1989).

No sentido mais amplo, na perspectiva da filosofia africana, compreende-se que o corpo é o templo das inventividades - território das ocorrências - e a dança é uma virtuosidade das expressões, imprimindo vestígios das representações simbólicas (imagens, cores, formas e cheiros), que são elementos captados durante o trajeto antropológico. É deste "manto bordado de códigos", que está revestido a psique (sombras da memória), criando significados como suporte da linguagem da comunicação, tendo o corpo como documento vivo que a Dança grafa através de gestos, um alfabeto no espaço e no tempo trazendo o passado (o arcabouço ancestral) que, no instante que interpreta (dança), problematiza a contemporaneidade. No instante deste reencontro atemporal e genuíno, a fenda da alma se expõe remontando a travessia arquetípica, com uma ânfora cheia de artefatos arqueológicos, carregado de (in)formações do animal simbólico, este macaco nu chamado Homo Sapiens!

### **Tecnologias e Saberes Ancestrais**

Considerando que o artista e Mestre de Saberes Tradicionais Paulo César Fernandes é descendente consanguíneo do grupo étnico-linguístico Bantu, encontramos em sua linhagem elementos culturais tradicionais bantus preservados e potencializados. Nesse aspecto, o seu bisavô, Colodino Felizardo, Mestre Capitão da Banda de Congo Alegria, é um dos precursores africanos responsáveis por ter trazido, da região subsaariana da África, a manifestação popular do congo, sendo este um patrimônio artístico-cultural endêmico do estado do Espírito Santo. Foi na comunidade do Morro do Feijão, no distrito de Acioli, do município de João Neiva, ao norte do estado, que este guardião da cultura bantu implantou o congo como uma manifestação cultural fortemente presente (NEVES, 1944-1982).

Nessa mesma perspectiva, a performance afro contemporânea “Corpo-Terra” investiga a estreita relação entre corporalidade africana e etimologia latina, e por onde a origem etimológica da palavra “Homem”, e suas variantes, se (re)afirmam em seus significados, a saber: → “homo” → “húmus” → “hominis” → “dhǵhomós” → “dhéghom”. Estas inter-relações criam convergências entre saberes tradicionais primais e conceitos científicos modernos, tendo em vista estudos que reafirmam a origem da raça humana no continente africano, como a obra “A Origem Africana da Civilização”, de Cheikh Anta Diop (1974).

Ainda nesse contexto, como nunca antes, em diversos movimentos societários, elementos primais ou da sabedoria ancestral se revelam fortemente presentes, fortemente contemporâneos. Através de tais elementos, desaguam-se infinitas formas de reverberar vozes silenciadas e detentoras de conhecimentos extraordinários, como na proposta conceitual da performance afro-contemporânea “Corpo- Terra”, na qual se traduz, de forma reflexiva, que essa matéria corporal revela os conceitos científicos e de saberes de tradições milenares, como, por exemplo, os elementos químicos que estão presentes no barro (Terra, planeta, argila, solo) e no corpo humano. De acordo com Edwin Slosson (1924), citado na monografia de Higo da Silva (2019), há no barro “16 elementos químicos diferentes e no corpo humano havia também esses mesmos 16 elementos”. São os dezesseis elementos químicos: Zinco, Enxofre, Ferro, Hidrogênio, Oxigênio, Selênio, Magnésio, Potássio, Fósforo, Sódio, Nitrogênio, Cloro, Carbono, Cálcio, Iodo, Cobre. Assim, constata - se convergências entre Arte, Cultura e Ciências.

Inclusive, como referência dessa ancestralidade, durante a apresentação do projeto, foi projetado o poema visual de Guilherme Gontijo e Daniel Kondo, criado em homenagem à Dona Laura Felizardo (15.06.1928—07.06.2020), matriarca da cultura Bantu no estado do Espírito Santo e mãe do Paulo César Fernandes, cuja representação enaltece a cultura afro-brasileira, capixaba e internacional. O poema visual faz parte de uma série chamada “Coestelário”, um projeto que “apresenta túmulos em poesia visual, ao modo das antigas estelas funerárias, que a um só tempo davam voz e imagem à pessoa querida e partida. É uma série de estelas, em que o epigrama funerário se funde à imagem, num jogo de constelações que olhamos daqui, enclausurados para que os nomes não aumentem” (BLOG DA COMPANHIA, 2020).



**Imagem 01** - Poema Visual “Coestelário”, Guilherme Flores Gontijo e Daniel Kondo, 2020

Alicerçado nesta investigação de sua ancestralidade, o artista Paulo Fernandes traz uma relevante contribuição no que se refere às relações identitárias, reconhecendo a cultura Bantu como uma das maiores contribuições para a reflexão da corporalidade afro e brasileira. Nesse contexto, a sua trajetória artística assimila diversas técnicas da arte da dança: ballet russo, afro e butoh<sup>1</sup>, além de estudos estéticos como expressionismo e minimalismo. Esse acúmulo de experiências teve início ainda em sua adolescência, na década de 1970, desenvolvendo-se em trabalhos que o permitiu atuar em diversas áreas e em diversos palcos importantes do país, uma elaboração que retrata uma linguagem genuína e autodidata. Deste modo, observa-se a análise da geógrafa Dr.<sup>a</sup> Marilda Teles Maracci sobre o trabalho do referido artista:

Trata-se de uma proposta de formação cultural para o público alvo, quando, por exemplo, traz à discussão a questão do território e da territorialidade, explicitando e re-significando elementos da ancestralidade na experiência contemporânea. Isso, considerando que o conceito de território a ser trabalhado é: território = biodiversidade + cultura. Este conceito, formulando nas experiências de povos tradicionais e trazido ao campo científico (geografia, antropologia, etnografia...), permite a relativização de pretensas verdades filosóficas, científicas, possibilitando a reinterpretação do mundo. Tal processo, que é complexo, se efetiva potencialmente diante da revelação de outras culturas, outros saberes, outros conhecimentos, como é o caso dos povos africanos. (MARACCI, 2012, p. 10).

<sup>1</sup> “Butô é o nome dado para um tipo de dança, ou arte performática, que tem suas origens nas atividades de Hijikata Tatsumi, no final dos anos 1950 e 1960” (BAIRD, 2019). “O Butoh foi uma dança desenvolvida no Japão pós Segunda Guerra Mundial, que tem filosofia e estética relacionadas aos dilemas vividos por uma sociedade destruída econômica, moral e fisicamente” (CUNHA, 2021).

Ao mesmo tempo, constata-se que a região sudeste do Brasil concentra um expressivo percentual de descendentes africanos, provenientes dos países do Congo, Angola e Moçambique, situados na região da África Austral. Segundo estudos de Brian M. Fagan (1970), em seu livro “África Austral”, o autor descreve que esta é uma região que abrange a maior parte do continente africano, além do fato de que África possui 54 (cinquenta e quatro países), sendo 22 (vinte e dois) desses países ocupados pelos Bantus. Somado a isto, uma característica que vale destacar, é que este grupo é um grupo etno-linguístico justamente por possuir o mesmo tronco linguístico (proto-Bantu), constituído por três vertentes: Kikongo, Umbundo e Kibundo. Fagan (1970), também descreve que os Bantus se dividem em torno de 600 subgrupos étnicos, os quais se expandiram durante três milênios, alcançando uma área geográfica de 9 mil km<sup>2</sup>, indo de Camarões ao Oceano Índico. Essa área se destaca, pois, representa um fenômeno particularmente fértil para os estudos dos processos culturais, tendo em vista os últimos dois mil anos da história africana pré-colonial. Foi neste período, conhecido como a Idade do Ferro, que a agricultura, a indústria do ferro e a pastorícia foram introduzidas na África Austral, causando uma revolução no modo de vida e em diversos aspectos. Entre os mais antigos escritos sobre os povos pré-históricos da África Austral, se destacam os escritos árabes e, no mesmo sentido, Ptolomeu, na sua obra “Geografia”, registrada no século II d.C., descreve dizendo sobre as tecnologias presentes nesta região, com destaque para a descoberta e preservação do fogo, fornos de alta temperatura e o desenvolvimento da metalurgia, além de serem exímios construtores de impérios, como o Império do Congo, o Grande Muro de Zimbábue e Cartago, o maior centro comercial na região do Mediterrâneo (FAGAN, 1970).

A partir dessa cosmovisão, a proposta do projeto se constitui a partir dos saberes ancestrais e tecnologias, tendo em vista que a palavra Bantu não se refere a questão étnica, mas sim a uma questão linguística. O significado da palavra se faz a partir da junção “Ba”, significando plural, e “Ntu” = Montu, que significa “Homem” (no sentido de humanidade), formando o significado “ser humano plural”. A contribuição linguística está perpetrada no processo de formação e construção da identidade afro-brasileira, com mais de 27 mil verbetes e 300 termos coloquiais falados na língua portuguesa do Brasil, obedecendo as estruturas morfológicas, lexicais e vernaculares, conforme estudos da Dr<sup>a</sup> Yeda Pessoa de Castro (1983). Esses elementos cotidianos transpassados no corpo afrobrasileiro reforçam as transversalidades e as potências da travessia atlântica para além da tecno-escravocracia<sup>2</sup>, trazendo à luz o mais antigo dicionário Bantu do mundo, publicado em 1651 em trilingue, Kikongo-Latim-Espanhol, de autoria do Manuel Roboredo, o Mbuta.

Entre as diversas abordagens do respectivo projeto, foram registradas questões históricas que estreitam relações entre o Cais do Valongo, no Rio de Janeiro, e o Porto de São Mateus,

<sup>2</sup> Refere-se aqui sobre as tecnologias criadas para estabelecer e manter a escravidão.



no Espírito Santo. Ambas são áreas portuárias reconhecidas como territórios de genocídios marcados sobre corpos africanos, sobretudo dos Bantus, que foram trazidos para o Brasil no século XVI. Inclusive, o processo diaspórico deixa marcas na identidade afrobrasileira, através das técnicas de manipulação do ferro, inseridas nos portões e grades do Brasil e por onde denotam-se escritas simbólicas dos povos akan - adinkras - alfabeto dos povos de Gana e da Costa do Marfim, bem como os diversos conhecimentos das plantas medicinais, técnicas agrárias, culinária, tecnologias têxteis, arquitetura, religiosidade, linguística, astronomia, etnomatemática, entre outras. Estas várias tecnologias estão transpassadas nos corpos da atlanticidade, ressignificando a cartografia da identidade afro-brasileira.

### Corpo-Terra e Transversalidades

“A dança é uma reiteração com a natureza”

Paulo Fernandes

A atlanticidade também se repõe através de recursos da linguagem, tecnologias transtemporais, que conectam os continentes África e América do Sul (costa brasileira), vide o efeito gráfico sinalizado no fundo do cartaz como ondas do mar. No entanto, o símbolo se dilui no azul, dando a sensação de movimento aquoso e causando um outro efeito visual e simulador - *optical art*. Nem tudo é aquilo que se vê, de acordo com o que disse René Magritte (1929), "Ceci n'est pas une pipe" (Isto não é um cachimbo). A proposta conceitual da arte gráfica foi criada pelo designer e membro da Comissão Organizadora do projeto, Allan Corsa.





**Imagem 02** - Arte de Divulgação da primeira edição do projeto “Transversalidades Atlânticas: Saberes ancestrais africanos como tecnologias de emancipação”, 2022.

Para a realização estrutural deste magnífico projeto, contamos com a participação dos convidados especiais Renato Emerson dos Santos, Mariana Maia, Walla Capelobo e Leppe Hoji Kala. A participação conjunta de tais convidados promoveu um encontro de diferentes saberes, confabulando com o pensamento acadêmico/científico e suas relações epistêmicas. É deste território que aflora a transversalidade e suas atlanticidades, seguindo por meio da cosmovisão dos saberes primais ressurgidos do berço da humanidade, a África.

Nessa mesma perspectiva, a performance afro contemporânea “Corpo-Terra” investiga a estreita relação entre corporalidade africana e etimologia latina, e por onde a origem etimológica da palavra “Homem”, e suas variantes, se (re)afirmam em seus significados, a saber: → “homo” → “húmus” → “hominis” → “dhǵhomós” → “dhéghom”. Estas inter-relações criam convergências entre saberes tradicionais primais e conceitos científicos modernos, tendo em vista estudos que reafirmam a origem da raça humana no continente africano, como a obra “A Origem Africana da Civilização”, de Cheikh Anta Diop (1974).

Ainda nesse contexto, como nunca antes, em diversos movimentos societários, elementos primais ou da sabedoria ancestral se revelam fortemente presentes, fortemente contemporâneos. Através de tais elementos, desaguam-se infinitas formas de reverberar vozes silenciadas e detentoras de conhecimentos extraordinários, como na proposta conceitual da performance afro-contemporânea “Corpo- Terra”, na qual se traduz, de forma reflexiva, que essa matéria corporal revela os conceitos científicos e de saberes de tradições

milenaes, como, por exemplo, os elementos químicos que estão presentes no barro (Terra, planeta, argila, solo) e no corpo humano. De acordo com Edwin Slosson (1924), citado na monografia de Higo da Silva (2019), há no barro “16 elementos químicos diferentes e no corpo humano havia também esses mesmos 16 elementos”. São os dezesseis elementos químicos: Zinco, Enxofre, Ferro, Hidrogênio, Oxigênio, Selênio, Magnésio, Potássio, Fósforo, Sódio, Nitrogênio, Cloro, Carbono, Cálcio, Iodo, Cobre. Assim, constata - se convergências entre Arte, Cultura e Ciências.

Dessa forma, quando se trata dos dinamismos da elaboração, pode-se dizer que processos criativos, sejam eles artísticos, culturais ou científicos, são passíveis de serem baseados em três pilares, sendo eles a percepção, a observação e a experimentação. Essas são “fórmulas” que inauguram o meio da construção dos objetos cênicos para a respectiva performance: 1) Trilha Sonora - Uma composição que intercruza sons dos ventos do deserto do Saara, sobreposto ao som de um buraco negro (gravado pela NASA em 2022) com intersecções de “cliques” (estalos) da língua Xhosa; 2) Figurino - Um saiote feito de linhas em tons terrosos e fitas, com uma única manga feita de cordão tingidos em tom marrom avermelhado; 3) Corpo - O corpo do intérprete recebe camadas de argila esverdeada, tendo duas funcionalidades: terapêutica e estética, além de enfatizar o conceito da proposta que afirma o título corpo-terra/terra-corpo. Somado a isso, a areia traduz o território onde o corpo se encontra, recriando uma circularidade demarcada no chão/espaco/ambiente, uma dinâmica que a gestualidade descreve como um alfabeto atemporal de um documento vivo - corpo. 4) Iluminação - Entre tons de amarelo e sépia, a luz atua delineando formas que nos transpõe para uma metafísica da matéria e, por esse viés, há de se convir que todo o gesto (re)clama sua matéria. 5) Areia - Durante a performance Corpo-Terra, um elemento cênico, de forma triangular, promove uma chuva de areia, se fundindo com o som do vento do deserto, criando uma fricção com o corpo, argila e som - corpos unibarcantes.



**Imagem 03** - Arte de divulgação da performance “Corpo-Terra”, 2022

Ao estabelecer essa compreensão da performance *Corpo-Terra*, podemos citar a análise de Marilda Teles Maracci (2012) à respeito do trabalho artístico de Paulo Fernandes:

No mundo cujo atual contexto é de crise civilizatória, ambiental, epistêmica, de profundos conflitos de racionalidades onde tempo e espaço (dimensões privilegiadas nesta proposta) e as relações Sociedade-Natureza tornam-se ressignificáveis diante da eminência do caos civilizatório e da catástrofe ambiental. Isso se torna ainda mais significativo quando verificamos que os saberes classificados pejorativamente pela inteligência como ‘primitivos’, ‘selvagens’, ‘não-evoluídos’, etc., são revelados como conhecimentos profundamente complexos, constatação esta que à ciência moderna somente agora alcança seus primeiros degraus (MARACCI, 2012, p. 10).

Seguem abaixo registros da performance “*Corpo-Terra*” (Imagens de 04 à 21), de Paulo Fernandes, apresentada no dia 22 de junho de 2022, no Auditório Rodolpho Paulo Rocco, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Fotógrafo: Renato Mariz (CCS/UFRJ), 2022.



**Imagem 04**



**Imagem 05**



**Imagem 06**



**Imagem 07**



**Imagem 08**



**Imagem 09**



**Imagem 10**



**Imagem 11**



**Imagem 12**



**Imagem 13**



**Imagem 14**



**Imagem 15**



**Imagem 16**



**Imagem 17**



**Imagem 18**



**Imagem 19**



**Imagem 20**



**Imagem 21**

### **Considerações Finais**

Perante tal proposto, conclui-se, de forma veemente, que vale pensar sobre a importância da lei 10.639/2003 e as relações abrangentes sobre a identidade cultural afro e brasileira, bem como a reconstrução de valores sociais, etnológicos, linguísticos e tecnológicos, que nos



inserir em uma outra percepção humana, contrapondo o processo das armadilhas raciais responsáveis por nos retrair enquanto seres humanos perante a colonização da hegemonia eurocêntrica. Para tal, a proposta da 1ª edição do projeto “Transversalidades Atlânticas: Saberes ancestrais africanos como tecnologias de emancipação” é uma iniciativa que resultou na amplificação da temática das africanidades, recriando uma nova paisagem que revisita o passado e nos torna guardiões de uma herança fértil, capaz de semear futuras gerações, como uma semente de baobá que já nasce com suas potências.

Tais questões são resumidas na seguinte fala da participante Ágahta Fiuza, artista plástica e poetisa, sobre o trabalho de Paulo Fernandes no projeto Transversalidades Atlânticas: [...] “Gostei muito da sua arte e das suas filosofias. Espero que possamos movimentar mais coisas juntos. Foi lindo demais ver a movimentação da galera pra te receber e a energia que ficou depois, a fermentação das ideias que esse encontro gerou em nós”.

#### **Ficha Técnica**

**Criação, Interpretação e Pensamento Visual:** Paulo Fernandes

**Montagem Técnica da Trilha Sonora:** Allan Corsa

**Iluminação:** Sylvio Petrônio Rocha Lopes

**Concepção da Instalação Cenográfica:** Paulo Fernandes

**Produção:** Jhonny Mattos, Elton Oliveira, Allan Corsa, Priscila Costa Assumpção e Eliakin Tavares

**Fotografia e Vídeo:** Elton Oliveira e Allan Corsa

**Agradecimentos:** Sheila Matos Imamura e Ághata Fiuza

#### **Referências bibliográficas**





A BUSCA pela mãe de todas as línguas. Super Interessante, 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/antes-da-torre-de-babel/>>. Acesso em: julho de 2022.

AFRICANIDADE, ciência e “religare”: o bailarino Paulo Fernandes conta sobre sua trajetória. **Dança no ES**, Vitória, 14 de setembro de 2021. Portal Dança no ES. Disponível em: <<http://www.dancanoes.com.br/2021/09/africanidade-ciencia-e-religare-o.html?m=1>>. Acesso em: julho de 2022.

ARTAUD, Antonin. O Teatro e Seu Duplo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAIRD, Bruce. BUTÔ: DANÇA DA DIFERENÇA. Ephemera, vol. 2, nº 2, 2019/1.

BAUVAL, Robert G.. A Master Plan for the Three Pyramids of Giza Based on the Configuration of the Three Stars of the Belt of Orion. Discussions in Egyptology 13. 1989. ISSN 0268-3083.

CARVALHO, Elis. As histórias escritas por negros no ES, no Brasil e no mundo. A Gazeta. Vitória. Publicado em 18/11/2020 às 9h46. Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/as-historias-escritas-por-negros-no-es-no-brasil-e-no-mundo-1120>>. Acesso em: julho de 2022.

COUZEMENCO, Fernanda. Morre Laura Felizardo, matriarca da cultura Bantu no Espírito Santo. Século Diário - Cultura. 08/06/2020 13:56 | Atualizado 30/06/2020 16:44. Disponível em: <<https://www.seculodiario.com.br/cultura/morre-laura-felizardo-matriarca-da-cultura-bantu-no-espírito-santo>>. Acesso em: julho de 2022.

CUNHA, Juliana. BUTOH: O COLAPSO DO MUNDO NO CORPO. Revista Desvio. 19 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://revistadesvio.com/2021/10/19/butoh-o-colapso-do-mundo-no-corpo/>>. Acesso em: julho de 2022.

DA REDAÇÃO. A busca pela mãe de todas as línguas. Revista Superinteressante - História. Atualizado em 27 nov 2017, 18h53 - Publicado em 31 Maio 1990, 22h00. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/antes-da-torre-de-babel/>>. Acesso em: julho de 2022.

DE CASTRO, Yeda Pessoa. Das línguas africanas ao português brasileiro. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Centro de Estudos Afro-Orientais - Universidade Federal da Bahia. Afro-Ásia, 14 - 1983.



DIOP, Cheik Anta. *The African Origin of Civilization: Myth or Reality*. First edition February, 1974. Lawrence Hill & Co., Publishers, Inc. Manufactured in the United States of America.

ESPAÇO CULTURAL AFRO-BANTU. Perfil do Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/espaco.cultural.afro/>>. Acesso em: julho de 2022.

FAGAN, Brian. *África Austral*. Lisboa: Editorial Verbo, 1970.

NASA divulga som inédito de um buraco negro; VEJA VÍDEO. G1 - Ciência. 06/05/2022 14h52. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia/noticia/2022/05/06/nasa-divulga-som-inedito-de-um-buraco-negro-ouca.ghtml>>. Acesso em: julho de 2022.

GONTIJO, Guilherme; KONDO, Daniel. *Coestelário – Poema Visual em Homenagem à Laura Felizardo*. Companhia das Letras. 07/06/2020. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/BlogPost/5223/laura-felizardo>>. Acesso em: julho de 2022.

HANCZYC, Martin M.; FUJIKAWA, Shelly M.; SZOSTAK, Jack W. *Experimental Models of Primitive Cellular Compartments: Encapsulation, Growth, and Division*. *SCIENCE*. 24 Oct 2003. Vol 302, Issue 5645. pp. 618-622. DOI: 10.1126/science.1089904.

LAURA FELIZARDO. Blog da Companhia. 7 de Junho de 2020 às 15:45. Disponível em: <<https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Laura-Felizardo>>. Acesso em: julho de 2022.

MACHADO, Roberta. *Pesquisadores apresentam o mais completo estudo sobre o genoma brasileiro*. Estado de Minas - Tecnologia. Postado em 01/07/2015 10:00 / atualizado em 01/07/2015 10:09. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/07/01/interna\\_tecnologia,663770/a-historia-nos-genes.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/07/01/interna_tecnologia,663770/a-historia-nos-genes.shtml)>. Acesso em: julho de 2022.

MAGRITTE, René. *La Trahison des Images*. 1929.

MARACCI, Marilda Teles. *A Cons(ciência) da arte: Síntese da pesquisa de dança da Cia Enki de Dança*. Caderno D. Fevereiro, 2012.

NEVES, Guilherme Santos. *Coletânea de Estudos e Registros do Folclore Capixaba*. Vol. II. (1944-1982).

NOMES CIENTÍFICOS. *O Homem veio do barro!*. Facebook. 24 de julho de 2020. Disponível em:



Universidade Federal do Maranhão – UFMA  
Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros  
KWANISSA – Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros

---

<<https://www.facebook.com/NomesCientificos/photos/a.161898873960633/1705647256252446/?type=3>>. Acesso em: julho de 2022.

PENNICK, Nickel. Geometria Sagrada: Simbolismo e Intenção nas Estruturas Religiosas. Editora Pensamento. 16ª Edição, São Paulo. 1980.

Projeto Geocorpos: intertextualidade na dança (2013)

ROBOREDO, Mbuta Manuel. O mais antigo dicionário Bantu do mundo publicado em 1651 em trilingue: Kikongo-Latim-Espanhol. 1651.

SILVA, Higo Henrique Cirilo Gomes da. A química do solo e a origem da vida: Numa abordagem prebiótica. 41 f. : il. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Química, Recife, 2019.

YANG, Dayong; PENG, Songming; HARTMAN, Mark R.; GUPTON-CAMPOLONGO, Tiffany; RICE, Edward J.; CHANG, Anna Kathryn; GU, Zi; LU, G. Q (Max); LUO, Dan. Enhanced transcription and translation in clay hydrogel and implications for early life evolution. Scientific Reports, volume 3, Article number: 3165 (2013).